

# humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



livro favorecem a consulta destes textos. Louvamos mesmo essa opção, que nem sempre é tida em conta, mas que transforma obras colectivas desta natureza e importância em instrumentos de trabalho fundamentais e operacionais.

NUNO S. RODRIGUES

MARCOS MARTÍNEZ, *Ensayos de Filología Clásica* (colecção “Estúdios y Ensayos, Universidad de La Laguna, 2001). 419 pp.

–, *Las Islas Canárias en la Antigüedad Clásica. Mito, Historia e imaginário* (Tenerife, 2002). 267 pp.

Dois livros de um estudioso que tem nome firmado no domínio da filologia clássica, Marcos Martínez, que fui descobrindo através das suas obras, que me habituei a ler com atenção e a respeitar.

*Ensayos de Filología Clásica* constitui uma recolha de doze estudos, publicados ao longo de doze anos em que foi catedrático de Filologia Grega na Universidade de La Laguna e saídos em diversas revistas, em actas de congressos, em miscelâneas de homenagem ou outras obras de conjunto, como se especifica na página 19. Estamos perante uma selecção dos doze mais significativos trabalhos realizados ao longo desses doze anos. Neles trata assuntos e conceitos importantes como periodismo actual, literatura erótica, semântica, teatro grego, Cânon, antologias, linguagem coloquial, interjeições. Para dar uma ideia mais precisa, especifico o título e o assunto dos estudos aqui recolhidos.

No primeiro capítulo «La Filología Clásica en tiempos de crisis: hacia un nuevo plantamiento» (pp. 23-59), procura explicar a crise, indicando as causas em que vive a Filologia Clássica e aponta iniciativas que possam torná-la de novo atractiva aos alunos do nosso tempo, em especial a Filologia Grega. O capítulo II, «La selección temática de los textos griegos» (pp. 61-80) propõe uma selecção de textos para estudo, não por autores como é hábito, mas por temas, que pode resultar mais atractiva para o trabalho dos alunos – por exemplo, o amor, a situação da mulher, a ideia de democracia, a ideia da paz, a ideia de progresso. O terceiro estudo – «Textos de ayer, temas de hoy: la Cultura Clásica en el periodismo español contemporáneo» (pp. 83-122) – aborda a presença da Cultura Clássica nos periódicos actuais, estudando as ocorrências por temas: mitologia, filosofia, literatura, história, ciência, teoria política, fraseologia, léxico, humor. O capítulo V, «Las islas poéticas en literatura grecolatina antigua y medieval» (pp. 139-163), trata do universo e tema das ilhas, na Antiguidade e na época medieval, quer na óptica da história, quer na do mito, quer na da literatura, quer na da arte, procurando fazer uma classificação, a partir do que sobre elas se diz:

utópicas, lendárias, míticas, escatológicas, fantásticas, mágicas, de amor, de exílio, de naufrágio. No VI estudo, «Cultura clásica y literatura erótica griega: cartas de amor» (pp. 167-200), face à actualidade do erotismo literário, propõe-se valorizar as possibilidades didácticas da literatura erótica no ensino da cultura clássica, em especial as cartas amorosas que a Antiguidade grega nos legou. O capítulo VII, «Para una semántica del griego antiguo» (pp. 201-224), procura fazer o estudo da semântica do grego antigo: combinando a metodologia da escola alemã da investigação do conteúdo linguístico com algumas correntes estruturalistas contemporâneas, em especial a lexemática de E. Coseriu, propõe a análise e descrição completa do universo semântico de uma língua, desde as unidades inferiores da palavra (como sufixos e prefixos) até ao texto, com passagem pelas palavras e frases. O capítulo IX, «A arte da selecção literária na Antiguidade: cânon, antologia-florilegio y centón» (pp. 255-292), reflecte sobre o tema do cânon que esteve em moda no último quartel do séc. XX, aplicando-o ao mundo clássico e estudando os diversos modos de seleccionar que usaram os Gregos e os Romanos: cânon, antologia ou florilégio e centão. O ensaio X, que traz o título «El teatro griego» (pp. 293-323), apresenta uma visão de conjunto do teatro grego e, de forma didáctica, expõe os pontos mais significativos e importantes sobre os géneros teatrais da Grécia antiga: tragédia, comédia, drama satírico, mimo. O capítulo XI, «Las interjecciones de dolor en Sófocles» (pp. 325-391), vem na sequência da tese de doutoramento do autor sobre a semântica da dor em Sófocles. No último estudo, intitulado «Generalidades sobre el lenguaje coloquial griego» (pp. 393-415), depois de dilucidar as diferenças entre linguagem coloquial e língua popular e vulgar, dá alguns exemplos concretos colhidos nos principais autores gregos.

Ficaram por mencionar dois dos estudos, o quarto e o oitavo, que tratam de assuntos relacionados com as Ilhas Canárias, de onde o autor é natural e onde leccionou durante mais de uma década. O quarto ensaio, intitulado «Islas canarias y mitología» (pp. 123-138), defende que a história antiga das Ilhas Canárias tem uma fase que está envolta no fabuloso e mitológico que não se deve eliminar como fonte histórica, como pretendem alguns estudiosos, mas aceitar como mais um componente, nada de desprezar. Por sua vez o VIII, com o título «Cultura grecolatina y literatura canaria: el mundo clásico en Manuel Verdugo» (pp. 225-253), versa assunto mais específico – a presença da cultura e temas clássicos na poesia de Manuel Verdugo, um professor e escritor que viveu boa parte da sua vida em La Laguna, que muito carinho dedicou à cultura greco-latina, uma presença constante na sua obra.

São estudos que procuram ultrapassar a divisão dos estudos clássicos em Filologia Grega e Filologia Latina, actualmente existente em Espanha. Fazem propostas, apresentam sugestões, são inovadores, nunca esquecem a valorização e divulgação dos estudos clássicos, assumem a cada passo uma perspectiva didáctica.

As Ilhas Canárias – que são uma das linhas de investigação preferidas de Marcos Martínez e cuja cultura já tinha sido abordada em dois estudos do livro precedente – voltam a ser tema de um livro, publicado cerca de um ano depois, que reagrupa artigos realizados ao longo da década de noventa e nos primeiros anos do novo milénio, e ostenta o significativo título de *Las Islas Canárias en la Antigüedad Clásica. Mito, Historia e imaginário* (Tenerife, 2002). O livro insiste no mito, na história, no imaginário e seus diversos tipos, relacionados com as Ilhas Canárias, verdadeiras linhas de força – por vezes até nos dá a sensação de conceitos e elementos repisados – de todo o estudo. Com dados arqueológicos escassos, serve-se sobretudo de testemunhos greco-latinos e de informações de poetas, de historiadores, filósofos, cronistas que abrangem o tempo que vai do séc. VIII a. C. ao XIV, e procura separar o que corresponde ao mito e o que pode considerar-se verdadeiramente história para obter uma correcta visão das Canárias na Antiguidade e na Idade Média. É constituído por oito capítulos seguidos de um apêndice documental. No primeiro, que apresenta o título «Al trasfondo mítico de la historia y literatura canarias» (pp. 21-49), insiste na importância em separar o mito da história na cultura das Canárias – não como entidades que se excluem, mas como contributos necessários a uma recta compreensão do seu património histórico-literário –, faz um percurso pela história e literatura das Canárias, procurando perspectivá-la – em busca de um entendimento dos inícios e evolução posterior da sua cultura – na sua relação com o mito de origem greco-romana: quer se trate da sua visão como *locus amoenus* (ilha, montanha, bosque, mar), quer de lendas como as de Oceano, Colunas de Hércules, Campos Elísios, Jardim das Hespérides, Jardim das Delícias, Atlântida, entre outros. No fundo o capítulo busca os fundamentos e razões da mitificação das Ilhas Canárias, aqui vista como consequência de oceanização e ocidentalização de alguns mitos gregos.

De certo modo relacionado com o anterior, até pela insistência na necessidade de separar o mito da história na cultura das Canárias, o capítulo II – «El imaginario mítico-literario de las Islas Canárias» (pp. 51-86) – aborda o que chama ‘imaginário canário greco-latino’, referindo cada um dos temas que o integra e buscando a sua presença nos principais escritores, nos artistas plásticos e compositores musicais das Ilhas Canárias.

Num retorno ao universo mítico das Canárias, agora alargando-o aos arquipélagos da Madeira, dos Açores, de Cabo Verde, o capítulo terceiro, «El imaginario macaronésico» (pp. 87-100), explicita o que se deve entender por ‘imaginário macaronésico’, procurando distingui-lo de outros imaginários como o literário, o atlântico, o cartográfico.

No estudo «Canarias: Historia y Mito» (pp. 101-141) – que concretiza a reiterada proposta de separar, na cultura das Canárias, o mito e a história –, são abordados sete temas relacionados com estas duas componentes: visão mítica e

visão mais histórica das Ilhas, importância do mito para a cultura das Canárias, os dados históricos da Antiguidade ao Renascimento, explicação do nome das ilhas Canárias (ilhas dos cães?), o nome Ilhas Afortunadas na historiografia antiga e medieval e sua relação com as Canárias, discussão sobre a referência de Iambulo às Ilhas do Sol, citada por Diodoro (II. 55-60).

O capítulo V, composto para celebrar o segundo centenário da visita de Alexandre Humboldt ao arquipélago (19 de Junho de 1999), tem o título «En torno a Humboldt y las Canárias» (pp. 143-157) e centra-se e especial na presença do mundo clássico na obra de Humboldt, a sua formação humanista e conhecimento do grego e do latim, questões de geografia mítica e diversos aspectos da histórias das ilhas por ele abordados.

O estudo «Eros en la poesía canaria» (pp. 59-198) – apontadas as características essenciais do deus na literatura grega – analisa a presença do deus do amor, Eros, na poesia das Ilhas Canárias, dos começos à actualidade, cotejando a obra de onze autores em que a personificação do amor, quer como Eros, quer como Cupido, quer como Amor, é constante.

No capítulo «Canariología» (pp. 199-208), aprecia algumas obras de história, mitologia, língua, literatura, cartografia que, em sua opinião, seriam dignas de figurar entre a bibliografia de uma disciplina, precisamente com o nome do do capítulo, que teria como conteúdo tudo o que diga respeito às Canárias e que o autor considera dever existir nas universidades do arquipélago.

O último estudo, «Humanidades Clásicas» (pp. 209-235), é uma chamada de atenção para a ameaça de extinção que corre o grego e sobre a importância que tem a cultura clássica. Aborda temas como o grego nas Canárias, a actualidade das Humanidades Clássicas e termina com um estudo sobre o magistério universitário de três ilustres mestres que têm a sua vida ligada às Canárias e a sua carreira de professores vinculadas à filologia Clássica. São eles Emilio Lledó, Maria Rosa Alonso e Alberto Díaz Tejera.

*Las Islas Canárias en la Antigüedad Clásica* é um livro que procura sistematizar, explicar, fundamentar a grande relação que existe entre a cultura das Ilhas Canárias e a herança da Grécia e de Roma, no que respeita ao mito, literatura, história, arte. E assim, entre outros temas de relevo, vemos como se forma a tradição – e os principais testemunhos e fontes que a cimentam – que identifica o Arquipélago com a Atlântida, as Ilhas dos Bem-Aventurados, os Campos Elísios, o Jardim das Hespérides, as Ilhas Afortunadas. Um livro bem informado, que nos faz conhecer melhor e de forma mais fundamentada as sedutoras Ilhas Canárias, que desde a Antiguidade despertaram o imaginário dos homens. É inovadora e atraente a perspetivação que nos dá Marcos Martínez da cultura das Canárias, de que é profundo conhecedor.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA